

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CECILIA MANGINI
29 de outubro de 2021

IN VIAGGIO CON CECILIA / 2013

um filme de Cecilia Mangini e Mariangela Barbanente

Realização e argumento: Cecilia Mangini e Mariangela Barbanente / **Fotografia:** Roberto Cimatti / **Som:** Gianluigi Gallo / **Montagem:** Piero Lassandro / **Música:** Teho Teardo.

Produção: GA&A Productions (Itália), RAI Cinema, Elefant Film / **Produtor:** Gioia Avvantaggiato / **Cópia:** ficheiro digital, 74 minutos, legendado em inglês e eletronicamente em português / **Estreia Mundial:** Festival dei Popoli (Florença), 30 de novembro de 2013. Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

Com a presença de Mariangela Barbanente

*Gosto de sentir que o tempo passa, que acontecem mudanças,
que não ficamos presos, quietos (...) Eu mudei tanto de
aparência que só me parece bem que o mundo à minha volta mude também.*
(dos diálogos de Cecilia Mangini no filme)

Além de iniciar a última fase do trabalho de Cecilia Mangini (que irá até à sua morte, em 2021), **In viaggio con Cecilia** será porventura o primeiro momento de um processo de revalorização do nome e da obra de Cecilia Mangini que se prolonga até hoje. A presente retrospectiva é mais um exemplo - e um contributo - para a redescoberta do notável corpo de trabalho da "primeira mulher documentarista italiana" (rótulo com que foi rapidamente arrumada na história do cinema e que, sendo verdadeiro, impediu porventura que se desse a devida atenção às extraordinárias qualidades da sua obra para lá desse estatuto pioneiro). É uma redescoberta que está longe de estar terminada (chamamos a atenção para a exibição na sessão de amanhã de **La torta in cielo** de um filme que não estava previsto no programa, a curta-metragem **Lori e le belve**, filme precioso do princípio da carreira de Mangini e que estava omissa em todas as filmografias da realizadora, nenhuma delas capaz de dar inteira conta do largo escopo do seu trabalho ao longo de quase sete décadas. Haverá outros? Provavelmente.

Como é explicitado na primeira sequência do filme, **In viaggio con Cecilia** é uma espécie de *road movie* com Cecilia Mangini que a leva a visitar alguns locais da região da Apulia ao qual a sua vida e obra estão profundamente ligadas (as raízes familiares paternas ditaram que fosse um destino de férias regular na sua infância, sendo que mais tarde regressou com frequência a esse território para fazer vários dos seus filmes mais importantes). Tal como também é dito nessa sequência inicial, Cecilia Mangini não assinava a realização de um filme desde 1974 (**La briglia sul collo**) pelo que este **In viaggio con Cecilia** seria o seu improvável *comeback* já passados os 80 anos de idade. A possibilidade de confrontar a distância entre dois tempos através da aproximação de imagens e memórias do passado à sua reavistagem no presente tem sido matéria fértil para muitos documentários mais ou menos recentes (um vasto ciclo poderia ser programado com filmes que adoptam este dispositivo

inesgotável e, dependendo do talento dos cineastas, potencialmente tão produtivo como redundante) e **In viaggio con Cecilia**, sem radicalizar a sua proposta e retirar daí plenamente as suas consequências, acaba por ser uma viagem interessante e relativamente tranquila entre a Apulia de ontem e de hoje. Apesar do quadro social extremamente negativo que o filme descreve e que revela o aprofundamento de muitas das “doenças” (a palavra não é aqui apenas uma metáfora) trazidas pela industrialização e pelo capitalismo a cidades como Taranto e Brindisi - que Mangini com presciência antecipara em contracorrente ao optimismo que dominava os anos do “milagre económico italiano em filmes como **Brindisi’65** e **Tommaso** -, percebe-se que a documentarista Mariangela Barbanente tenha preferido contrapô-lhe um retrato mais afectuoso deste “regresso a casa” da velha senhora do documentário italiano (aliás, sua familiar e segundo a própria, como conta num número especial de 2020 da revista de *Mondo Nuovo* dedicado a Cecilia Mangini, a principal responsável pela sua entrada no cinema). Sem negar

Tal como dissemos nas “folhas” sobre **Due scatole dimenticata e Il mondo a scatti**, filmes co-realizados por Paolo Pisanelli (que curiosamente aparece por breves instantes durante a cena da manifestação em Taranto ao lado de Mangini), sendo feitos em parceria criativa (o carácter colaborativo é uma das marcas da sua personalidade e da forma de encarar o trabalho no cinema desde o princípio) estes três últimos títulos da obra de Mangini serão mais filmes com e sobre ela do que filmes onde a singularidade da sua marca autoral seja muito sentida. Dos três filmes, talvez seja em **Viaggio con Cecilia** que se ouve ainda, aqui e ali, algo dessa voz, apesar de formalmente o filme não descolar de um certo “esperanto” dominante na linguagem do documentário contemporâneo. Para além, evidentemente, dos muitos excertos nele utilizados de filmes anteriores de Mangini, sente-se o seu peculiar olhar na forma mais arriscada como nas entrevistas de rua confronta o presente momento político e social italiano sem saudosismos e com a mesma enorme lucidez com que nesses filmes abordava a sociedade do seu tempo (e mesmo quando reencontra calorosamente alguns dos “protagonistas” desses seus filmes não há lugar a qualquer idealização do passado).

O sublinhado simbolismo do final – com o plano da majestosa árvore a evocar a própria longevidade, força e estatura moral de Mangini (em rima com a protagonista feminina de **Maria e i giorni** que também aparece em breves planos entrecortados com as imagens do presente) e a citação esperançosa de Antonio Gramsci (cujo pensamento político, como já tivemos oportunidade de escrever nas folhas deste Ciclo, exerceu sobre a realizadora a mais profunda influência) - será porventura uma pequena “traição” ao relato de desencanto e de pessimismo de que o filme dá conta de uma sociedade que parece ter abandonado a possibilidade de qualquer desejo utópico. Mas é eventualmente mais “fiel” ao espírito jovem, rebelde e combativo com que, no cinema e na vida, Cecilia Mangini desafiou convenções e *status quo* para nos fazer pensar e acreditar que um mundo melhor pode (e deve) existir.

Nuno Sena